



PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review

e-ISSN: 2316-932X

DOI: 10.5585/podium.v2i1.39

Organização: Comitê Científico Interinstitucional

Editor Científico: João Manuel Casquinha Malaia dos Santos

Avaliação: Double Blind Review pelo SEER/OJS

Revisão: Gramatical, normativa e de formatação

**FERNANDA GUERRA E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SURFE CARIOCA NA
DÉCADA DE 1960**

**FERNANDA GUERRA AND THE SURF INSTITUCIONALIZATION IN RIO IN THE
DECADE OF 1960**

**FERNANDA GUERRA Y LA INSTITUCIONALIZACIÓN DEL SURFE EM RÍO DE
JANEIRO EN LOS 1960**

Ana Carolina Costa Cruz

Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Administração - Gestão do Esporte da
Universidade Nove de Julho – PMPA-GE/UNINOVE

E-mail: aninhacostacruz@hotmail.com (Brasil)



FERNANDA GUERRA E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SURFE CARIOCA NA DÉCADA DE 1960

RESUMO

Este artigo analisa os primeiros momentos de institucionalização do surfe feminino, compreendendo os processos históricos relativos à participação de Fernanda Guerra nessa prática cultural corporal, protagonista desse momento. O surfe de maneira institucionalizada no Rio de Janeiro deu seus primeiros passos na década de 1960, justamente quando as mulheres se inserem na modalidade. Qual é a participação dessa agente social neste contexto? A metodologia utilizada foi a história oral, ou seja, trata-se de um método que não só suscita a emergência de novos objetos e nova documentação, como também estabelece uma relação original entre o historiador e os sujeitos da história, uma construção histórica participativa. Enfim, investigando a vida dessa competidora das primeiras competições de surfe no Rio de Janeiro, constatamos que enquanto a prática se reduzia a um grupo restrito, filhos de estrangeiros que moravam em Ipanema, as mulheres praticavam e tinham representação na Federação, embora essa participação tenha se resumido a festas e homenagens.

Palavras-chave: Biografia; Institucionalização do Surfe; Rio de Janeiro.

FERNANDA GUERRA AND THE SURF INSTITUCIONALIZATION IN RIO IN THE DECADE OF 1960

ABSTRACT

This article analyzes the first moments of institutionalization of women's surfing, comprising historical processes relating to participation in this cultural practice Fernanda Guerra body protagonist this time. The surfing so institutionalized in Rio de Janeiro took his first steps in the 1960s, just when women fall into the mode. What is the role of this agent in this social context? The methodology used was oral history, it is a method that not only raises the emergence of new objects and new documentation, as well establishes an original relationship between the historian and the subjects of history, a historical building participatory. Finally, investigating the life of this competitor of the first surfing competition in Rio de Janeiro, we found that while the practice was reduced to a restricted group, children of foreigners living in Ipanema, women practiced and had representation in the Federation, although this share has summed up the celebrations and tributes.

Keywords: Biography; Surf Institutionalization; Rio de Janeiro.



FERNANDA GUERRA Y LA INSTITUCIONALIZACIÓN DEL SURFE EM RIO DE JANEIRO EN LOS 1960

RESUMEN

Este artículo analiza los primeros momentos de institucionalización del surf femenino, que comprende los procesos históricos relacionados con la participación en esta práctica cultural Fernanda Guerra cuerpo protagonista en esta ocasión. El surf tan institucionalizada en Río de Janeiro dio sus primeros pasos en la década de 1960, justo cuando las mujeres entran en el modo. ¿Qué parte de este agente social en este contexto? La metodología utilizada fue la historia oral, es decir, es un método que no sólo aumenta la aparición de nuevos objetos y nueva documentación, sino que también establece una relación única entre el historiador y los sujetos de la historia, un edificio histórico participativa. Por último, la investigación de la vida de este competidor de las primeras competiciones de surf en Río de Janeiro, se observa que mientras que la práctica se reduce a un grupo restringido, los hijos de los extranjeros que viven en Ipanema, las mujeres practican y tuvo representación en la Federación, aunque este porcentaje resume las partes y homenajes.

Palabras-clave: Biografía; Institucionalización del surf; Rio de Janeiro.



1 INTRODUÇÃO

Especificamente no Rio de Janeiro, o Arpoador, praia entre Copacabana e Ipanema, ainda era distante do resto da cidade no início da década de 1960. Os poucos edifícios da orla tinham quatro andares, os bondes foram extintos em 1962 no governo de Carlos Lacerda e o túnel ligando zona norte e sul só ficara pronto em 1968. Embora esse acesso fosse difícil, o sucesso internacional da bossa nova, o início do cinema novo com a participação de surfistas como atores e a comercialização das pranchas no bairro fizeram com que mais pessoas se interessassem pelo surfe.

Segundo Ribeiro (2003), o Arpoador em 1964 já contava com um acompanhamento logístico do governo: posto salva vidas, ambulantes e calçadão. A praia de Ipanema começava a receber, de todos os lugares, visitantes que queriam conhecer essa moda praiana, despojada, rebelde e contestadora. Dias (2008) afirma que foi um mito que construíram do bairro pela perda da capital do Brasil para Brasília. Mas, de qualquer forma, surfistas, músicos e atores compartilhavam o mesmo espaço, a praia. Ali, alguns garotos de classe média e classe alta urbanas começaram a praticar uma modalidade importada com uso de prancha, ou seja, uma geração que estava envolvida com as produções e os movimentos internacionais. Essa ambiência criou as condições para que o surfe carioca começasse a se sintonizar com o movimento de popularização mundial do esporte (Dias, 2008).

O surfe no Rio de Janeiro, até então, consistia apenas em descer as ondas e manter-se em pé numa prancha pesada, que mais parecia uma jangada. Nesse sentido, é a partir da década 1960 que se constata os primeiros momentos de transformação da prática da modalidade em diferentes esferas: as primeiras marcas de *surfwear* ganham vida, as pranchas passam a ser feitas no país e a indústria cultural começa a associar suas marcas à prática (Árias, 2002). Além disso, uma associação local é fundada e três campeonatos foram realizados em dois anos, com a participação do governador Negrão de Lima nas premiações.

Esta comunicação tem por objeto de estudo uma competidora desse cenário. O objetivo é discutir a trajetória de Fernanda Guerra, competidora e fundadora da Federação Carioca em 1965. Tomando por base o conceito de campo esportivo de Bourdieu (1983), partimos da premissa de que o surfe deu seus primeiros passos, de maneira institucionalizada, não sem tensões ou ambiguidades.



Pretende-se discutir a participação dessa atriz social no contexto de estruturação e atuação na institucionalização da modalidade esportiva. O universo do surfe comumente é imaginado como uma prática masculina, ligada à virilidade e à coragem, valores convencionalmente atribuídos aos homens. Que será que permitiu esta inserção feminina?

A originalidade do artigo esta na forma de narração de biografias e história, bem como certas concepções de como as pessoas constroem suas identidades, seus estilos de vida e novas formas de construção de subjetividades. Além disso, quando se pesquisa gênero, discuti-se diretamente as relações de poderes existentes na sociedade e em instituições que compõem o campo esportivo, ajudando assim a entender melhor a sociedade, desconstruindo certos estereótipos ou não.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada é a da História Oral. Segundo Verena Alberti (2005), trata-se de um método que privilegia a realização de entrevistas como forma de aproximação do objeto de estudo. A história oral permite que os fenômenos subjetivos sejam reconhecidos, através de representações, que devem ser apuradas e ouvidas. Não se trata de uma história diferente, nem alternativa, ou que rompa com a história institucional, mas sim, da relativização da política/ contexto a partir da lembrança dos entrevistados, dando importância aos aspectos culturais e às sensibilidades vividas. Compreendendo que a importância da História Oral reside no fato de que:

Trata-se de ampliar o conhecimento sobre os acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu, de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações (Verena, 2005: 19).

Esse tipo de metodologia tem um potencial documental e heurístico que pode desencadear um salto qualitativo pelas infinitas possibilidades de representações das entrevistas e histórias de vida (François, 2005). A história oral não só suscita a emergência de novos objetos e nova documentação, como também estabelece uma relação original entre o historiador e os sujeitos da história, em uma construção histórica participativa.



Diria que é antes um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais, com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais (Lozano, 2005, p. 16).

As entrevistas adquiriram *status* de documento, dando-lhes um potencial para futuras pesquisas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, gravadas com consentimento dos participantes, posteriormente transcritas e analisadas. Procura-se destacar a visão e a versão da experiência das atrizes sociais, produzindo-se, a partir daí, conhecimentos históricos, e não simplesmente um relato ordenado da vida e da experiência das pesquisadas.

O historiador oral é algo mais que um gravador que registra os indivíduos ‘sem voz’, pois procura fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e a consequente análise histórica; que seu papel como pesquisador não se limite ao de um entrevistador eficiente, e que seu esforço e sua capacidade de síntese e análise não sejam arquivos e substituídos pelas fitas de gravação (sonoras e visuais) (Lozano, 2005, p. 17).

Cada vez mais a história oral vem sendo utilizada por profissionais de história e de outras disciplinas. Também tem sido considerada uma alternativa de estabelecer relações com as pessoas entrevistadas, uma construção da percepção, no tempo e no espaço, da experiência humana. Deve-se ainda ter em conta que é fundamental reconhecer o caráter fragmentado e dinâmico da identidade dos indivíduos e os momentos contraditórios que constituem essa identidade, em relação à concepção do eu e das diferentes representações que dele se possa ter, conforme os pontos de vista e as épocas. Perceber oscilações e confrontos entre indivíduos e instituições também faz parte do processo. Além disso, a memória é seletiva e existe um processo de “negociação” para conciliar memória coletiva e memória individual (Pollak, 1989), ou seja, disputas e silêncios se dão muitas vezes por razões pessoais, para não produzir ressentimentos, punições ou criar mal entendidos. Existem, nas lembranças, zonas de sombra, silêncios que estão em perpétuo deslocamento. Assim, ainda segundo o autor, as lembranças remetem ao presente, deformando e interpretando o passado.

A abordagem nessa pesquisa se interessa por uma atriz social que intervêm na constituição e formalização da memória coletiva do surfe feminino da década de 1960. Consciente ou inconscientemente, a memória coletiva, ou a memória organizada de um grupo específico que resume a imagem que uma sociedade majoritária deseja passar ou impor (Pollack, 1989), define e reforça sentimentos de pertencimento e os de fronteiras sociais, fazendo do passado a imagem que



ela forjou para si mesma, além de reconstruir fatos, reações e sentimentos pessoais: “Aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior” (Pollak, 1989, p. 6).

A História Oral valoriza a memória individual, as tensões e contradições entre a memória coletiva e as lembranças pessoais do passado. Ao contar a própria vida, fazer uma reconstrução de certa forma coerente e cronológica, o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros. “Assim como as memórias coletivas e a ordem social que elas contribuem para constituir, a memória individual resulta da gestão de um equilíbrio precário de um sem número de contradições e de tensões” (POLLAK, 1989: 13). A entrevistada escolhida participou das primeiras competições de surfe, quando a modalidade se constituía por uma elite urbana. Essa mulher viveu o momento inicial da esportivização da modalidade.

3 SOBRE FERNANDA GUERRA

A biografia é um campo do conhecimento histórico, que após um período de marginalização, atualmente aponta para questões inovadoras, além de ser um sucesso editorial no Brasil desde o final do século passado (Schmidt, 1997). A volta da biografia na década de 1960 deve-se, entre outros fatores, à crise do estruturalismo pós guerra e à aproximação da história com a antropologia, fazendo com que os historiadores culturais passassem a valorizar o papel dos indivíduos na construção cultural, logicamente, sem omitir a super estrutura que influencia e engendra formas de teorias e de práticas.

Citada como pioneira do surfe feminino da cidade (Gutemberg, 1989; Árias, 2002; Lorch,1980), esse artigo se mostra importante para desconstruir certas políticas de gênero no esporte a partir da lembrança de uma mulher que viveu o momento inicial da esportivização.

Fernanda Guerra começou a surfar no Arpoador no início dos anos 1960, com 13 anos. Morava com seus pais e sua irmã, em um sobrado em Ipanema; de sua varanda conseguia ver o mar no Arpoador. Fernanda era a única da família que surfava. Seu pai, Walter Guerra, foi vice-presidente da Federação Carioca de Surf, mas nunca surfou, jogava vôlei de praia. Ela sempre gostou muito de esportes, era competidora de natação na escola e diz que os professores sempre a chamavam para competições.



O conhecimento e a prática da natação são essenciais para o surfe, principalmente nesse período estudado, pois não se utilizava *strep*¹. A natação era vista como apropriada para as mulheres (Devide, 2004), mas o surfe era um esporte ainda se iniciando no Brasil, onde poucas meninas surfavam.

Eu comecei a pegar (onda) nessa época, com o Arduíno Colassanti², que ele tinha paciência para me empurrar. Porque no começo era com pé de pato, tinha que colocar o pé de pato pra ir remando até lá fora. Ai eu ficava chateando ele pra ele me empurrar, me empurrar, ai comecei a pegar onda assim. (FG)

Fernanda começou a namorar enquanto estava evoluindo na prática. Estar com seu namorado a ajudou a surfar em outros lugares do Rio, como a Praia da Macumba e do Recreio, que só era acessível de carro e acompanhada. A independência da mulher ainda era relativa nesse momento histórico.

Além de competidora de natação e surfe, Fernanda se envolveu com a fundação da federação, que teve caráter extra oficial, pois filiou apenas um número pequeno de atletas, mas teve sua importância uma vez que através dela foi idealizado o primeiro campeonato de surfe do Brasil (Árias, 2002). A Federação naquela época tinha que ter clubes filiados: Esporte Clube Radar, Marimbás, Iate Club do Rio de Janeiro e Clube Universitário estavam envolvidos para garantir uma reunião de clubes para a fundação da Federação Carioca de Surf, no dia 15 de junho de 1965, na sede do Radar.

No Brasil ainda não existiam clubes específicos de surfe, como na Califórnia e na Austrália. O autor Douglas Booth (2001) constata a criação de clubes específicos de surfe nesses países a partir de 1915. No Brasil, a solução encontrada pelos amantes deste esporte foi se associar a clubes onde os filiados já buscavam o mar como lazer. Houve uma mobilização para fundar o Surf Club depois do campeonato, mas não atingiu o número mínimo. Na época, a Confederação Nacional de Desporto não reconheceu o surfe, a Federação praticamente parou suas atividades e por alguns anos não aconteceram campeonatos de surfe oficiais.

Lembrando que o regime político era de ditadura militar. Os filhos da elite carioca foram estimulados a saírem do Rio. Foi o caso de Fernanda, que casou-se cedo e não completou o

¹ Pequena corda que prende a prancha à pessoa.

² Um dos pioneiros no surfe e na caça submarina, ator em muitos filmes nacionais, se tornando um símbolo sexual por sua beleza física e por fazer o primeiro nu frontal masculino no cinema brasileiro (Castro, 1999).



Científico, atual Ensino Médio. Segundo Andrade e Cardoso (2001), os cursos superiores e técnicos na década de 1950/60 ainda eram um privilégio dos homens das classes sociais alta e média. As mulheres dessas classes faziam curso de formação em educação primária e as que cursavam faculdades predominantemente optavam por cursos de ciências humanas.

Castro (1999) diz que as mulheres de Ipanema eram ousadas, aqui, no caso dessa surfista, diria que também era romântica. Estar na natureza era uma forma de romantismo e transgressão. Esses valores se incorporaram às práticas esportivas na natureza, principalmente a partir dos anos 1960 (Dias, 2008).

Bourdieu (2002) faz uma crítica quanto a vocação segundo o sexo, quando associa-se tarefas subordinadas as mulheres, pois são atribuídas a elas virtudes como submissão e gentileza. Por isso, foi uma luta para as mulheres terem suas qualificações reconhecidas. As instituições ajudam nessa perpetuação de *habitus* automaticamente diferenciados e diferenciadores entre os sexos, pior, ensinam essa diferenciação.

Uma corrida de obstáculos em que as mulheres jamais eliminam seu handicap – possuir um grande capital cultural não basta por si só para dar acesso às condições de uma verdadeira autonomia econômica e cultural, não é suficiente por si mesma para permitir que a mulher se livre das pressões do modelo dominante, que pode continuar a povoar os *habitus* masculinos e femininos (Bourdieu, 2002, p. 77).

Fernanda se casou bem jovem, aos 17 anos e foi morar em uma fazenda no sul do Brasil, se afastando da modalidade. A vivência da maternidade parece adquirir uma relevância tão grande na vida dessa agente social que supre a realização no lazer e no esporte. A maternidade é vivida como uma experiência emocional que traz um amadurecimento pessoal e um status social. A expectativa que a família fazia e ela incorporou. O surfe para essa mulher era diversão, um passatempo de amigos antes da vida adulta: “Naquela época era muito bom, todo mundo amigo, conhecido, a gente ficava na água numa boa, não tinha disputa. E eram as mesmas pessoas.” (FG).

Na década de 1980, voltou a morar no Rio de Janeiro, especificamente na Barra da Tijuca, montou seu negócio de alimentos integrais e naturais, próximo de casa, e retomou a prática do surfe, mesmo que de maneira esporádica. Há quatro anos teve um problema no ombro direito. Atualmente, leva a neta para surfar e, quando se sente segura, também pratica.



4 RESULTADOS: SUSPIROS PARA A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MODALIDADE

1960 foi uma década muito curiosa, marcada por muitos exageros, mas que realmente aponta para mudanças culturais e políticas intensas no Brasil e no mundo (Cardoso, 2005). Nessa década, a ciências humanas passa a reconhecer diferentes objetos de estudos antes suprimidos pelas grandes narrativas e feitos históricos, a academia começa a valorizar as minorias sociais e a atuação na transformação do status quo, exemplo, a ascensão dos Estudos Culturais.

No Brasil, a capital do país se mudara para Brasília, o início da década era de instabilidade, entre a guerra civil e a ditadura, culminando no golpe militar em 1964. Em meio a tudo isso, especificamente no Rio de Janeiro, na praia do Arpoador, foi um dos palcos do surfe nacional, local onde filhos de estrangeiros, de classe média e alta, envolvidos com as produções e os movimentos internacionais, começaram a praticar o surfe. Essa ambiência criou as condições para que a modalidade começasse a se sintonizar com o movimento de popularização mundial do esporte (Dias, 2008).

Em 1965 a primeira federação de surfe do estado foi fundada, com a participação de duas garotas, uma delas nossa biografada. Yllen Kerr, Walter Guerra, Fernanda Guerra e Maria Helena Beltrão criaram a Federação Carioca de Surf para organizar e difundir o esporte. No mesmo ano foi organizado o primeiro campeonato de surfe, já com a categoria feminina. Fernanda Guerra foi campeã (Lorch, 1980; Gutenberg, 1989).

O surfe não era praticado pelos moradores dos morros próximos. As favelas já existiam e era assunto em revistas da época, mas parece que o Arpoador não era muito visitado por este público. Realmente, parece que as pessoas da zona sul preferiam manter distância dos moradores dos morros, que por sua vez também não se misturavam com os burgueses do 'asfalto'. O esporte nessa época representava fortemente essas diferenciações sociais, pois a prancha era cara, a pessoa tinha que saber nadar e as piscinas se concentravam em clubes privados. Além disso, a facilidade com a língua inglesa também era fundamental para o envolvimento com a modalidade na década de 1960, quando ainda não existiam produções nacionais sobre o surfe. Acabava que só quem morava na zona sul do Rio de Janeiro surfava.

Os campeonatos se realizaram logo após Walter Guerra, pai de Fernanda, e Yllen Kerr fundar a Federação. Fernanda Guerra e Maria Helena fizeram parte dessa fundação, embora digam não terem tido real participação e que só surfavam.



Agora quem mexia mais com isso era meu pai. Eu não me lembro, não me envolvia muito nisso. Eu era garota. E como a gente não tá muito preocupado, nem pensava que no futuro teria muita gente pedindo informação. A gente faz uma coisa por fazer, nem pensando nisso, nem que é pioneira, nem que era nada. Era divertido, vivendo o momento. (FG)

De qualquer forma, representavam a federação em encontros importantes. Com o governador Negrão de Lima, por exemplo, quando a Federação conseguiu a liberação de 200m na praia de Ipanema para a prática do surfe, antes proibida até às 14h. Lembrando que o regime político era de exceção, Fernanda Guerra conta que, durante a ditadura, a Praia do Arpoador começou a ser fechada às 18h.

O caráter amador era explícito. Para participar dos campeonatos de 1965 e 1966 era só assinar o caderninho e preparar a prancha. A formação de um corpo técnico especializado nem era imaginada e os critérios de julgamento, por exemplo, estavam se estabelecendo:

Marcava uma data para o campeonato e cada um treinava por sua conta. Não tinha treinador, não tinha nada disso. Era um esporte novo, até o critério de julgamento era, se comparar com hoje, era meio ridículo. Não tinha interferência, não tinha prioridade, podia entrar duas, três em uma onda só. Quem manobrasse mais ganhava segundo o critério dos juízes, que davam a nota. (FG)

Na fala parece que os atletas não conheciam o sistema de pontuação, que isso dependia totalmente da subjetividade dos juízes. Quando questionada diretamente sobre estereótipo e preconceito, a entrevistada diz que o surfe ficou marcado na década posterior, pois na época dela todos se conheciam, eram amigos e a incentivava. O surfe a princípio foi um esporte elitista, praticado pelos filhos dos primeiros moradores de Ipanema. A prancha era cara e o acesso à praia no início da década de 1960 era difícil, ainda mais quando os bondes em 1962 foram extintos do bairro pelo governador Carlos Lacerda.

Constata-se que poucas eram as mulheres que se aventuraram na prática do surfe na década de 1960. Enquanto Dias (2009) e outros autores citam o envolvimento dos homens já na década de 1950 com a caça submarina e com o surfe, as mulheres iniciam um pouco depois, convergindo com o início da comercialização de pranchas em Ipanema. A fabricação de pranchas de madeirite impulsionou mais pessoas a praticarem e corroborando com os argumentos de Melo (2007), a inserção das mulheres também se deve ao mercado esportivo. Concomitantemente, essas mulheres estavam presentes num ambiente ideal de diálogo com o movimento de popularização da prática.



Talvez, como a ideia era conseguir o reconhecimento da Confederação de Desportos e para isso é necessário a categoria feminina, nesse primeiro momento de esportivização do surfe elas foram estimuladas a participarem.

Poucas pessoas tinham uma prancha de surfe na época, por conta do elevado preço. Fernanda surfou primeiramente com madeirite, material mais barato, e depois com as pranchas de fibra de vidro. Ela participou das primeiras transformações e relata as facilidades adquiridas pela modificação do material utilizado. Dentro dessa perspectiva, junto à história social e cultural do surfe existe a história tecnológica das pranchas, reestruturando o esporte em diferentes momentos. Além da diferenciação social, a “busca por manobras mais audaciosas e de excitação pelo radical reorganizava os estilos de surfe e de pranchas” (Ribeiro, 2003, p. 35). Inicia-se assim, um processo de constituição, caracterização e divulgação da cultura surfe, com o início da espetacularização e os primeiros campeonatos. Não bastava só ficar na onda, era necessário aproveitá-la em toda sua extensão e a evolução do material proporcionava melhores desempenhos. Todas comentam que a partir dessa transformação das pranchas o surfe começou a evoluir, embora a produção ainda fosse pequena e muito demorada.

Nessa época, Fernanda foi referência, todas na escola (só de meninas) sabiam que surfavam, ela fechava negócios na areia. Fernanda Guerra foi protagonista em revistas, propagandas e trailers da época. Na mídia, como nas revistas *Cruzeiro*, de 20 de novembro de 1965, encontramos manchetes assim: “Surf – Mulher bonita vai na onda”. Isso nos faz entender que as revistas da época estimularam o surfe feminino nesse período, mesmo que de forma a mostrar a sedução das meninas que o praticavam.

Segundo Bourdieu (2002) o conceito de *habitus*, que se perpetua e se incorpora às relações sociais, inclusive pelos próprios dominados (violência invisível). Nesse tipo de violência as próprias vítimas não se dão conta de que estão perpetuando expectativas que já se espera de determinado sexo. Muitas vezes o dominado quer se tornar dominante pelo mesmo ponto de vista, não por aquilo que o diferencia, o que a princípio quer se afastar, acaba por incorporar. As produções culturais americanas dominavam no cenário de massificação do estilo de vida surfe na década de 1960.



5 DISCUSSÕES

Existe uma hipervalorização do modelo de masculinidade nos esportes? O envolvimento das mulheres com atividades que envolvem o uso de pranchas vem se transformando consideravelmente, mas não se deve negar desigualdades que aconteceram e acontecem no surfe e em outras modalidades esportivas. Knijnik e Cruz (2004) verificam a discriminação no surfe, algo que fica claro, por exemplo, no fato de que os prêmios são inferiores nas categorias femininas. Além disso, muitas vezes as competidoras são convocadas a participar quando o mar não está em condições ideais para a competição na categoria masculina.

Segundo Melo (2010), as histórias das práticas corporais institucionalizadas se tornam filtros da sociedade de determinadas estruturas e sensibilidades de seu tempo histórico. Utilizando a biografia, numa dimensão cultural, com uma abordagem oral e definindo o domínio da investigação no gênero, pretende-se estabelecer diálogos entre o cotidiano do esporte e a cultura de entretenimento, admitindo-se o papel protagonista da prática na construção das sensibilidades.

Pretende-se contribuir de maneira significativa para os estudos históricos de gênero no esporte, tendo como objeto de estudo a história de vida de uma atriz social. Acreditamos que essa trajetória será representativa para entender a formação do esporte em questão e da sociedade como um todo. Além de perceber o nível de participação feminina na conformação do campo esportivo.

Como uma mulher quebra barreiras de gênero no surfe feminino carioca? Buscou-se compreender as estratégias que Fernanda Guerra usou para se envolver com o surfe em momentos em que a modalidade era/é de hegemonia masculina.

Nesse sentido, o conceito para nós relevante foi o de gênero. Bourdieu (2002) propõe desnaturalizar a diferença entre os sexos e coloca a corporalidade no centro das relações sociais. Segundo o autor, a divisão social por sexo está presente em estado objetivado em diversas esferas sociais e em estado incorporado nos corpos e nos *habitus* dos agentes. Assim, existem estruturas objetivas e estruturas cognitivas que conformam os indivíduos pelo “princípio da perpetuação”, que tradicionalmente constrói funções diferenciadas para homens e mulheres e as legitimam. Nessa perspectiva, a questão de gênero foi tratada no estudo. Por que estudar gênero no esporte?



[...] gênero não é apenas um tema acadêmico. Diz respeito a cada um de nós. De como nos constituímos, entendemos, representamos, enfim, do modo como vamos produzindo nossa subjetividade, e também, nosso corpo. O gênero nos constitui (Goellner, 2010: 8).

O gênero constrói comportamentos, virtudes, atitudes, gestos, aparências e usos que se faz do corpo. O esporte, de alguma forma, tensiona certos olhares e desestabiliza representações naturalizadas em diversas esferas sociais, especialmente no campo do esporte e do lazer, pois, se por um lado as práticas corporais naturalizam certas representações, são nelas também encontradas possibilidades de modificações e transformações de diversas ordens. Nessa perspectiva, acreditamos que as teorias de Bourdieu nos oferecem reflexões para entendermos que as diferenças de gênero (e outras) não são naturais e sim construções históricas, que se manifestam de formas variadas nas diferentes sociedades por especificidades econômicas e culturais.

A proposta inicial dos estudos de gênero era colocar em cena uma parte da realidade social até então menos visível - as experiências das mulheres no espaço da vida social. O movimento feminista colocou em pauta questões relativas à sexualidade feminina, como direito ao aborto (até hoje polêmico) e direito à escolha da contracepção, questões relativas aos direitos relativos ao trabalho, e questões relativas aos papéis institucionalizados de mulher, como esposa e mãe (Cardoso, 2005, p. 100). A autora fala da geração dos anos de 1960, destaca exageros e mitos construídos, mas também revela os movimentos que se destacaram nesse período, como o feminismo, que transformou a imagem da mulher.

Os Estudos de Gênero iniciaram uma crítica ao determinismo biológico, alegando que não são propriamente as características sexuais, mas suas representações e valorizações sociais, que constroem o que é efetivamente o masculino e o feminino em dada sociedade e em dado momento histórico (Goellner, 2007, 2009; Mourão, 1999). Gêneros são historicamente produzidos e culturalmente determinados. Essas construções normalmente diferenciam os corpos, que são aceitos conforme se ajustam, ou não, às normas culturais. Marcam-se os corpos socialmente, e essa marcação terá efeitos de enquadramento. Ela permite que o sujeito seja reconhecido (ou não) como pertencendo a um determinado grupo e possuidor de uma determinada identidade (Louro, 2003), construindo-se aparências e estereótipos para certas práticas e os agentes que os praticam.

Segundo Booth (2001), a permanência das mulheres no surfe muitas vezes promove questionamentos quanto às suas identidades, ainda mais porque o desempenho feminino normalmente é hierarquizado como inferior, ou seja, quando uma mulher surfa bem, o discurso é



que ela surfa como homem; nessa perspectiva é o desempenho masculino que é tomado como referência. Ou quando uma mulher quer surfar uma onda grande, diz que quer mostrar que as mulheres podem ser tão boas quanto os homens. Incorporar os mesmos valores ou ressaltar as diferenças? Em ambas, a referência é masculina. O referencial comparativo é sempre o masculino, em um modelo em que, a princípio, a mulher é vista como portadora de uma inferioridade técnica (Booth, 2001).

Bourdieu (2002, p.8) fala sobre a construção social dos corpos, e revela que a divisão entre os sexos está presente em estado objetivado (coisas e instituições), assim como em estado incorporado (corpos e *habitus* dos agentes), muitas vezes legitimando discursos e representações sexistas. Existem “expectativas coletivas”, ou seja, coisas a serem feitas ou não segundo o sexo, que se inscrevem nos corpos sob forma de disposições permanentes. O autor chega a dizer que essas expectativas transcendem o tempo e tipos de sociedade, de diferentes formas, mas está sempre presente.

Assim, refletir sobre gênero é pensar também sobre identidades (Knijnik, 2010). Identidades de atletas são colocadas em dúvida quando desestabilizam a imagem esperada de um corpo feminino, ou seja, pela aparência corporal se avalia o quanto feminina é uma mulher ou uma determinada prática. Esses discursos se apoiam na heterossexualidade e na maternidade como norma para todas as mulheres, criando estereótipos e dificultando em certa medida a participação das mulheres em determinadas modalidades esportivas.

As conotações normalmente atribuídas às mulheres são de beleza, maternidade e feminilidade, imagens que encerram uma representação normatizadora, seja no campo esportivo ou fora dele. (Goellner, 2009, p. 271). O surfe é um esporte que possui valores sociais, históricos e culturais diferentes em cada praia, cidade ou estado, devendo ser assimilado também de formas distintas de acordo com os valores próprios de cada indivíduo. De qualquer forma, trata-se de um esporte praticado em um ambiente no qual o corpo se mostra e no qual existe a presença fortíssima do ‘mito do corpo perfeito’ (Featherstone, 1991). Como seria a experiência de surfar para as mulheres na década de 1960 no Rio de Janeiro? O que o surfe representava naquele momento? Qual era o papel da mulher na conformação do campo esportivo? Foram algumas das questões investigadas nesse trabalho.



6 CONCLUSÕES

Ao desvendar o cotidiano de uma atriz social em um espaço específico de esporte e lazer, buscou-se: analisar a sociedade brasileira e os constrangimentos que inibem a participação plena das mulheres em espaços públicos de lazer; identificar as estratégias que a pioneira utilizou para se fazer presente no surfe; contribuir para ampliar os olhares sobre uma modalidade esportiva de grande relevância no cenário contemporâneo, inclusive em locais que não têm praia.

Fernanda sabia nadar, tinha disposição, dinheiro para comprar pranchas, era bonita e chamava a atenção da mídia. De certa forma, ela foi incentivada a conhecer e praticar o surfe, que se iniciava nessa década, e “cada uma com o seu namorado”. Ela se casa, tem filhos e se afasta-se da modalidade. Onde estão as mulheres ousadas e independentes de Ipanema? No período estudado, tanto o esporte quanto os cursos superiores ainda eram campos estreitos e tendenciosos segundo o sexo.

Fernanda Guerra foi protagonista em revistas, propagandas e trailers da época. A questão do corpo perfeito era produzida e reproduzida pela mídia e pelas próprias praticantes.

Ainda muito jovem e influenciada pelo pai de Fernanda, Walter Guerra, as mulheres se envolveram com a institucionalização da modalidade. Isso nos faz acreditar que a ideia era envolver as mulheres de maneira igualitária no surfe. “Até meados de 1960 as mulheres se fizeram presentes de maneira mais ou menos equitativa nesse universo esportivo. Depois disso, no entanto, testemunhou-se uma progressiva marginalização.” (Dias, 2010, p. 79).

Nosso enfoque neste trabalho foi identificar os primeiros momentos de aprendizagem do surfe por Fernanda, a participação dela nos campeonatos em 1965 e 1966, a atuação na Federação Carioca de Surf, o ambiente em que viveu, as influências que sofreu, o material que usava e a representação do surfe na época.

Investigando a vida dessa competidora de surfe do Rio de Janeiro na década de 1960, percebe-se que o surfe ditou moda em Ipanema e a inserção das mulheres ocorreu na década de 1960, como competidoras e como fundadoras da Federação Carioca de Surfe, embora essa representação tenha se resumido a festas e homenagens, pois “quem decidia eram eles” (Fernanda Guerra).



O momento de início da institucionalização do surfe com a Federação Carioca de Surf teve caráter efêmero, pois poucos acreditaram que um lazer tão descompromissado poderia se tornar grandes negócios, além do regime político autoritário, violento principalmente com os jovens. Fernanda, ainda muito menina, influenciada pelo pai, Walter Guerra, estava presente nessa esportivização.

Talvez a entrada de Fernanda Guerra como representante na Federação Carioca tenha tido um caráter político para que o Conselho Federal de Desportos reconhecesse a modalidade. Para isso, era preciso que o esporte tivesse categoria feminina e o nome de duas representantes femininas configuraria melhor essa ideia. Como não conseguiram o reconhecimento, o surfe seguiu de maneira independente e sem a participação das mulheres.

Assim, o surfe dava seus primeiros passos, não sem tensões, na conformação de um campo esportivo (Bourdieu, 1983) na década de 1960 no Rio de Janeiro. Investigando a vida dessa primeira vencedora de uma competição de surfe do Rio de Janeiro na década de 1960, constatamos que certos estereótipos em relação ao surfe feminino foram construídos no decorrer do processo de institucionalização, notadamente de profissionalização da modalidade.

Enfim, os estereótipos, preconceitos e discriminações estão mais flexíveis, mas ainda se fazem presentes nos discursos, nas representações midiáticas e nas produções culturais sobre a modalidade. Pesquisando sobre o processo de institucionalização do surfe, percebe-se que o Rio de Janeiro foi marcado por avanços e retrocessos na conformação de um campo esportivo. Palco da modalidade na década de 1960, abrigando fábricas de construção de pranchas, lojas especializadas para a prática, fundação de uma federação local e promoções de campeonatos, inclusive internacionais, hoje, o surfe enfrenta a falta de intervenções em diferentes setores: sinalizações, padronização e divulgação de sinais para segurança marítima; indefinição dos órgãos competentes para fiscalizações (ex: Jet Sky e kite surf); formalização das escolas de surfe; formação de professores; nomenclaturas de manobras e regras claras definidas de julgamento em campeonatos. Especificamente no caso feminino, o surfe perdeu este ano com a suspensão do Circuito Petrobrás de Surfe Feminino, o único campeonato exclusivamente para mulheres, que já existia há 10 anos no país.



REFERÊNCIAS

- Alberti, V. (2005). *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Alberti, V. (2004). *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Andrade, A.M.R.; Cardoso, J.L.R. (2001). Aconteceu virou Manchete. *Revista Brasileira de História*, 21 (41), 243-264.
- Árias, M. (2001). *Surf gênese*. Santos: Unimonte.
- Booth, D. (2001). *Australian Beach Cultures: The History of Sun, Sand and Surf*. London: Ed. Frank Cass.
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero.
- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil.
- Cardoso, I. (2005). A geração dos anos 1960: o peso de uma herança. *Tempo Social*, 17, (2), 93-107.
- Castro, R. (1999). *Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras.
- Devide, F.P. (2004). A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. *Movimento*, 10 (2), 125-144.
- Dias, C.A.G. (2008). *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no RJ*. Rio de Janeiro: Apicuri.
- Dias, C.A.G. (2009). Novas conformações do campo esportivo: os esportes na natureza. In: M. Del Priore & V.A. Melo (Orgs). *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais* (PP 359-386). São Paulo: Ed. UNESP.
- Dias, C.A.G. (2010). Novos dias de verão sem fim: surfe, mulheres e outros modos de representação. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, 32 (2-4), 75-88.



- Featherstone, M. (1999). The body in consumer culture. In: M. Featherstone, M. Hepworth & B. Turner. (Eds). *The body: social process and cultural theory*. Londres: Ed. Sage.
- François, E. (2005). A fecundidade da história oral. In: M. M. Ferreira & J. Amado. *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Goellner, S.V. (2007). História das mulheres no esporte: o gênero como categoria analítica. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte*, Recife, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1, 1-10.
- Goellner, S.V. (2009). Imagens da mulher no esporte. In: M. Del Priore & V.A. Melo, (Orgs). *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP.
- Goellner, S.V. (2010). Prefácio 2010. In: J.D. Knijnik (Org). *Gênero e esporte: masculinidades & feminilidades*. Rio de Janeiro: Apicuri.
- Gutenberg, A. (1989). *A história do surf no Brasil: 50 anos de aventura*. São Paulo: Azul.
- Knijnik, J. D. (2010). *Gênero e esporte: masculinidades & feminilidades*. Rio de Janeiro: Apicuri.
- Knijnik, J. D. & Cruz, L. O. (2004). Mulheres ao mar: surfe e identidades femininas em transição. In: A.C. Simões, J.D. Knijnik (Orgs). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph.
- Lorch, Carlos. (1980). *Surf: deslizando sobre as ondas*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois.
- Louro, G. L. (2003). Corpos que escapam. *Labrys Estudos Feministas*, 4.
- Lozano, J.E.A. (2005). Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: M.M. Ferreira & J. Amado. *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Melo, V.A. (2007). Mulheres em Movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (século XIX-primeira década do século XX). *Revista Brasileira de História*, 27 (54), 127-152.
- Melo, V.A. (2010). *Esporte e Lazer: conceitos*. Rio de Janeiro: Apicuri.
- Mourão, L. (1999). Representação Social da relação do trabalho feminino da diarista com as opções de lazer na comunidade de Queimados. *Motus Corporis*, 6 (2), 52-74.



Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2 (3), 3-15. Ribeiro, A.G. (2003). *Uma História Social do Surfe*. Monografia de Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Schmidt, B.B. (1997). Construindo Biografias...Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*, 10 (19), 3-21.

Data do recebimento do artigo: 13/02/2013

Data do aceite de publicação: 29/03/2013